

## Apresentação

# Interpretando a etnografia visual: imagens e a construção de significados antropológicos

Carlos Pérez Reyna <sup>1</sup>

De maneira geral, os temas e os artigos desta coleção têm como objetivo comum a importância da imagem na produção de conhecimento nas ciências sociais. No entanto, este Dossiê não é só um lugar polissêmico de produção de significados, mas também, um lugar em que se leva em conta as práticas dos processos de produção e de leitura cinematográfica e fotográfica, no seio de uma reflexão epistemológica sobre o próprio desenvolvimento de uma disciplina maior denominada antropologia visual.

Trata-se de uma publicação do LAVIDOC (Laboratório de Antropologia Visual e Documentário), integrante do CAV (Comitê de Antropologia Visual) e da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), que de forma conjunta com a Revista Teoria e Cultura do PPGCSO da UFJF, continuam pavimentando o estatuto conceitual da visualidade no campo das ciências sociais, em especial da antropologia. Sabemos que as imagens fotográficas e fílmicas são irmãs gêmeas da etnografia, pois assim como elas, lançam mão de suas particularidades e especificidades para os processos de observação, de trabalho de campo, da experiência do cotidiano e da alteridade. É por esse motivo, a importância estratégica que tem a tradição da antropologia visual hoje, pois dos diferentes campos disciplinares e transdisciplinares, a imagem e o áudio (audiovisual) têm se convertido em objeto legítimo de pesquisa. Do ponto de vista epistemológico, o presente Dossiê oferece textos de consulta, um material de referência para aqueles que, situados no campo da antropologia, possam ter acesso a um estado de debate e discussão de recentes pesquisas acadêmicas em torno da reflexão da utilização da imagem na experiência cultural de análises de interpretação e novas perspectivas na representação do Outro.

A seguir, apresentaremos uma breve introdução aos artigos desta edição. Os organizamos em três tópicos: os primeiros sete artigos, aqui intitulados de *Reflexões, Experiências e Narrativas Etnográficas*, nos oferecem perspectivas reflexivas e práticas que derivam de projetos autorais acadêmicos e de pesquisas concretas de campo, onde a imagem desempenha uma via de acesso a novas explorações heurísticas resultante de encontros, de trocas, de dialógicas, de negociações e de conversas.

No primeiro artigo, *Antropologia e Imagem*, Sylvia Caiuby Novaes aponta reflexões para a importância de análises antropológicas voltadas aos diversos usos da imagem em nossa sociedade e, simultaneamente, discute como, historicamente, a importância que atribuímos aos nossos sentidos pode variar, dependendo da época e da cultura em questão. O artigo procura mostrar o paradoxo

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e coordenador do LAVIDOC (Laboratório de Antropologia Visual e Documentário).

de uma ciência atravessada pelo visualismo e que, ao mesmo tempo, reitera a primazia do texto verbal, afastando-se seja da produção de imagens, seja de sua análise. A autora confirma que nas Ciências Sociais foi a Antropologia que passou a apontar para a riqueza do uso da imagem em nossas disciplinas e foram muitos os núcleos criados no país para a análise e produção de imagens em uma perspectiva antropológica.

O artigo *Histórias da antropologia visual: apontamentos e reflexões*, João Martinho de Mendonça aprofunda o artigo anterior e formula alguns apontamentos sobre a história da antropologia visual no Brasil com base em perspectivas de ensino e pesquisa vivenciadas nas últimas décadas. A efervescência experimentada em fins do último milênio, quando diversos laboratórios e núcleos foram criados nas universidades brasileiras, é refletida a partir do momento atual, quando o desenvolvimento rápido de novas tecnologias tornou ainda maiores os desafios iniciais dessa área. O conjunto das questões apresentadas no artigo convida a reafirmar a necessidade de novas pesquisas em diversas frentes, com consequentes reconfigurações nos debates relativos ao desenvolvimento dos usos das imagens nas ciências sociais, especialmente na antropologia.

Ana Lúcia Ferraz, em seu artigo *Aprendendo a ver com os povos Guarani*, nos apresenta sua experiência etnográfica concreta e importante, mediada por processos de produção de vídeo com os povos guarani, nos quais realizou uma série de oficinas socializando as técnicas videográficas em aldeias mbya, kaiowa e nhandeva, nos estados do Rio de Janeiro e no Mato Grosso do Sul, nos últimos cinco anos. A partir da realização de filmes etnográficos com povos guarani, a autora estuda as retomadas de terras, pensando como é que a partir de suas cosmologias compreendem o problema da terra. Analisando a lógica animada pelas forças e presenças no território, ela se detém na noção guarani de imagem. Sobre esse pano de fundo, ela discute no artigo a construção da narrativa no filme etnográfico, em particular com os Guarani Nhandeva que vivem na fronteira Brasil/Paraguai.

No artigo, *Antropologia, arte e compartilhamento de saberes sobre a cidade: encontros, caminhadas e produção audiovisual em projeto de pesquisa e extensão universitária*, as autoras Catherine Reginensi, Lilian Sagio Cezar e Julia Dias Pereira descrevem e analisam o processo de pesquisa desenvolvido a partir de metodologias qualitativas e participativas envolvendo performances e produção audiovisual com jovens integrantes do grupo de teatro Oriundo em articulação ao Projeto de Pesquisa e Extensão AntropoArte (2017 e 2018), numa favela da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. O processo de pesquisa articula o campo da antropologia, produção audiovisual e arte para discutir com os interlocutores o acesso desigual à cidade e o processo complexo de mudança que alguns desses jovens e suas famílias vivenciaram ao serem removidos da favela Margem da Linha para o programa habitacional “Morar Feliz”.

Ana Luiza Carvalho da Rocha, Matheus Cervo e Camila Braz da Silva expõem em seu artigo *O trabalho do antropólogo urbano no campo da “Memória Ambiental”*: levantamento dos desafios e lacunas de pesquisa a partir de estudos de caso, duas incursões intelectuais realizadas nos últimos três anos na área temática de pesquisa sobre Memória Ambiental. A intenção é demonstrar, a partir de narrativas textuais e imagéticas, a intersecção entre o trabalho visual com a questão ambiental e a Etnografia da Duração realizada no núcleo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Primeiramente, abordaram as intenções teóricas que guiam este percurso intelectual para, posteriormente, demonstrar os desafios de encarar o trabalho do antropólogo visual como um trabalho de memória e patrimônio sobre nossos ecossistemas humanos e não humanos nas cidades brasileiras.

O artigo *Nas escolas, nas ruas, campos, construções: quadros, imagens e o protesto de rua em Imperatriz-MA* de Jesus Marmanillo Pereira. O autor analisa o protesto 15M (protesto estudantil de 15 de março de 2019), de defesa da educação pública, ocorrido na cidade de Imperatriz/MA, através de um diálogo entre o viés dos quadros (“frames”) e a pesquisa imagética, para pensar a inserção da

imagem nas análises sobre movimentos sociais. Ainda, Marmanillo problematiza a imagem como informação fundamental nos interações e alinhamentos construídos nos trabalhos de campo, na observação de fenômenos sociais e nos processos de mobilização social.

Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque em seu artigo *O Exotismo Inverso Pankararu*, aborda a mobilização étnica de uma população indígena migrante na cidade de São Paulo. De forma a promoverem a visibilidade de sua condição social e reivindicarem a identidade de indígenas, organizaram apresentações públicas de uma tradição até então restrita a suas aldeias. Nesse artigo o autor defende a ideia de que os indígenas Pankararu construíram, em uma situação e um local não usualmente indígena, um espaço para exibição de autênticas renovações culturais e de novas reflexividades sobre a identidade étnica.

Os seguintes sete artigos serão agrupados no que chamaremos de *Figuras Temáticas* – representação, autoetnografia, antropologia fílmica, etnografia fílmica – para entender, de um lado, as leituras, interpretações e reinterpretações de filmes etnográficos produzidos pelos (as) cineastas do projeto “Video nas Aldeias” (VNA), cuja experiência de produção de filmes etnográficos e filmes experimentais antropológicos cada vez se concentra nas novas produções e representações subjetivas do Outro. De outro lado, as estratégias metodológicas de registros fílmicos das técnicas do corpo e suas estratégias na realização do filme etnográfico. Os dois últimos artigos desta série se debruçam nas interpretações sócio antropológicas do mundo social refletido no cinema, para analisar e verificar, na estrutura social, os esquemas daí elaborados.

O artigo de Juliano José de Araújo *O documentário autoetnográfico do projeto Vídeo nas Aldeias*, nos apresenta uma síntese de sua pesquisa de doutorado em que os documentários da série “Cineastas indígenas” do projeto Vídeo nas Aldeias (VNA), precursor na formação de realizadores indígenas no Brasil, são analisados. Tomando a categoria de documentário autoetnográfico, o autor levanta três questões norteadoras para sua análise: quais são os procedimentos de criação, métodos de trabalho e condições de realização dos documentários autoetnográficos do projeto VNA? E as posturas éticas, opções estéticas e técnicas neles presentes? E qual a importância desses filmes para as comunidades indígenas que deles participam? A partir da análise fílmica, apresenta o estudo do corpus enfatizando, respectivamente, as dimensões ética, estética e política da produção audiovisual de não-ficção do projeto VNA.

*Teko Haxy: autoetnografia e o documentário dispositivo na terra imperfeita*, artigo de Carlos Pérez Reyna e Mariana Stolf Friggi, debate aspectos estilísticos e subjetivos dos conceitos de autoetnografia e documentário dispositivo em primeira pessoa, construídos pelo encontro entre Patrícia Ferreiro Pará Yxapy e Sophia Ferreira Pinheiro, cujo resultado é o documentário experimental “Teko Haxy: Ser Imperfeita” (2016). O artigo procura saber, como essas vozes estão construídas, do que falam essas vozes subjetivas advindas desse documentário que deriva do ato de filmar a outra e a si mesmas. Para elaborar essa análise fílmica, utilizaram os princípios metodológicos da antropologia do cinema, notadamente, o conceito de etnografia fílmica e os princípios metodológicos de mise en scène e auto-mise en scène oriundas da antropologia fílmica.

O artigo de Sophia Ferreira Pinheiro *Fazer filmes e fazer-se no cinema indígena de mulheres indígenas com Patrícia Ferreira Pará Yxapy* traça alguns caminhos da trajetória da cineasta Mbyá-Guarani Patrícia Ferreira Pará Yxapy, a partir das relações que ela estabelece com as imagens e das relações que juntas estabeleceram ao longo de quase uma década de colaboração e amizade. A partir dos resultados de sua pesquisa de mestrado, contextua o fazer cinema de Patrícia em seu enquadramento cosmológico e social, o atual “estado das coisas” no cinema indígena brasileiro feito por mulheres e as representações imagéticas de Patrícia e de outras cineastas indígenas. Ainda, a autora coloca na mesa de debates os conceitos de auto-etnografia e auto-mise-en-scène do cinema de Patrícia, para manipular o documentário indireto enquanto agente histórica.

José Francisco Serafim e Francisco Gabriel Rêgo e o artigo *Deuses, chuvas e homens: um estudo da mise en scène no documentário Bicicletas de Nhanderú*, analisa a *mise en scène* no documentário “Bicicletas de Nhanderú” (2011). Em uma perspectiva os autores buscaram estabelecer um debate acerca da *mise en scène* no documentário e a sua importância do ponto de vista teórico e metodológico, relacionando análise fílmica e antropologia fílmica. Em seguida, partindo dos estudos de Claudine De France, analisaram a gestualística dos sujeitos representados tendo como base os dispositivos utilizados na *mise en scène*. Grosso modo, o artigo reitera a importância da dominância dos aspectos ritualísticos frente aos demais dispositivos, em uma *mise en scène* descritiva das relações entre os sujeitos sociais, a câmera e os significados tradicionais da cultura Mbyá.

No artigo *Filmar a postura, mostrar o ant movimento e revelar uma dimensão ritual nas técnicas do corpo*, Philippe Lourdou e Marcius Freire partem do pressuposto de Marcel Mauss que estudar o comportamento do corpo humano passa, obrigatoriamente, pela descrição das formas como este se desenvolve no tempo e no espaço. Nesse sentido, os autores acreditam que as imagens em movimento constituem o suporte mais apropriado para levar a cabo essa importante etapa do processo investigativo. Então, como proceder para realçar, enfatizar aqueles que efetivamente concernem os objetivos da descrição? A resposta, segundo eles, encontra-se na estratégia de *mise en scène* de que vai lançar mão o cineasta para efetuar o seu registro. Para ilustrar o tipo de problema que as técnicas do corpo podem apresentar ao observador munido de uma câmera cinematográfica, buscaram expor, nas linhas que seguem, aquele que parece, o mais candente: filmar a postura.

Carlos Pérez Reyna e Rafael Garcia Madalen Eiras em seu artigo *Carnavalização e a representatividade equivocada da mulher negra em Xica da Silva*, trabalham o conceito de carnavalização aos moldes de Mikhail Bakhtin. Para esse propósito é feita uma releitura fílmica para utilizar tanto a abordagem metodológica do contexto histórico de Marc Ferro quanto uma revisão da crítica feita ao filme depois de sua estreia. Assim, a obra está inserida na dinâmica entre uma representatividade equivocada, que não privilegiaria a identidade da mulher negra, o uso da sensualidade e da carnavalização como uma estratégia de crítica ao poder dominante. Nessa perspectiva, seria então, Xica da Silva, uma transgressora imagem política ou um objeto sexual idealizado por uma elite branca e de classe média?

O artigo *Socioantropologia do cinema: imaginários e signos alegóricos* de Wendell Marcel Alves da Costa, traz uma abordagem socioantropológica do cinema para tratar o cinema de ficção como acervo antropológico imaginário. Para isso, o autor desenvolve aproximações teóricas com Gaston Bachelard e Gilbert Durand, afim de refletir por meio de imagens fílmicas o potencial fenomenológico e imaginário do cinema de ficção. Apresenta também, um marco teórico e metodológico que cruza a análise de filmes emblemáticos da cinematografia mundial para se referir à imaginação simbólica como acervo antropológico imaginário: dos sonhos, imaginários e imaginações das sociedades que imaginam o mundo e as coisas.

Os três últimos textos denominados *Ensaio*, são experiências resultados de avanços de estudos de pesquisadores já consolidados bem como em início de seu percurso da utilização das imagens na reflexão contemporânea nas ciências sociais.

Gustavo Soranz Gonçalves e seu ensaio *Ex-pajé e as modulações entre ficção e documentário*, parte da ideia que o filme se constrói nos limiares da ficção e do documentário. O autor trata de pensar como o documentário lança mão de estratégias narrativas e estéticas que dissimulam o caráter de representação do cinema, ao mesmo tempo em que elaboram uma narrativa histórica possível a partir da reconstituição pelos meios do cinema da memória de um personagem particular, a partir de um encontro entre diretor e personagem, articulando evidências visíveis do passado e fabulações subjetivas no presente. Um cinema que narra uma história ao mesmo tempo em que elabora uma possível etnografia visual partindo da sensorialidade do mundo, entre o visível e o não

visível.

O ensaio *Quando a beira fica vermelha: o urucum que brota na BR-101*, Herbert Toledo Martins e Ananda da Luz Ferreira nos apresentam parte dos avanços da pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa em Conflitos e Segurança Social (GPECS) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), cujo objetivo geral é investigar os modos de vida dos Beiradeiros, pessoas que vivem nas faixas laterais de terra de domínio da União, às margens da BR-101 no município de Teixeira de Freitas, localizado no território do Extremo Sul da Bahia. Especificamente, segundo os autores, pretende-se por intermédio do plantio do urucum, o principal produto cultivado e comercializado pelas famílias dos Beiradeiros, deslindar um aspecto importante do modo de vida sui generis dessa população, até então invisível aos olhos do Estado e desconhecida do mundo acadêmico.

Roberta Filgueiras Mathias, no último ensaio *Sob os caminhos e as cores de Iansã*, nos relata sua experiência na Festa de Santa Bárbara do ano de 2019, ocorrida em Salvador na Bahia. A proposta da autora é que seu pequeno texto dialogue com as imagens, mas que elas sejam entendidas como ensaio fotográfico. Mathias procurou trabalhar com as cores em tons quentes que remetessem ao raio e ao fogo assim como tentar entender o deslocamento dos feis pelas ruas, ladeiras e vielas de Salvador. Nesse intuito, deixou que as ladeiras e as cores revelassem os caminhos até Iansã. Ela propõe um percurso: uma mistura entre tradição, religião e estética que lhe foram proporcionados pela experiência das ruas.

Gostaríamos de destacar neste número, a ocorrência de artigos que, por acaso, se dão ao mesmo tempo e que tem alguma conexão entre si. Nos referimos a presença dos Mbyá Guarani, em especial à visibilidade da imagem e voz da cineasta indígena Patrícia Ferreira Pará Yxapy, hoje considerada como a mulher que mais realiza e produz cinema indígena brasileiro. Desde seus inícios nas oficinas de Video nas Aldeias (VNA), onde ela aprendeu a filmar sem tripé até o Coletivo Mbyá-Guarani, seu cinema nos permite mergulhar em sua cultura como método, utilizando a antropologia reversa e lançando mão do conceito de autoetnografia. Tomando como cenário a profunda relação contemporânea do Coletivo e o VNA, o presente Dossiê oferece para seu estudo e debate os artigos de Sophia Ferreiro Pinheiro, Juliano José de Araújo, Carlos P. Reyna & Mariana Stolf Friggi e, José Francisco Serafim & Francisco Gabriel Rêgo.

No mais, agradeço aqui a todos aqueles que sem suas presenças e ajudas a jornada deste Dossiê não seria possível. Seus autênticos afetos e fervorosos apoios gravei e lembrarei para sempre: Janis Fernandes e Júlia Gama (revisão técnica), Ana Paula Romero (arte e design) do LAVIDOC (Laboratório de Antropologia Visual e Documentário do PPGCSO/Cinema e Audiovisual/UFJF) e Sophia Ferreiro Pinheiro e Patrícia Ferreira (fotografia).